

A ensaísta Tania Carvalho em O próprio e o alheio

Lúcia Sá Rebello *

Universidad Federal de Río Grande do Sul

Resumen

Na obra de Tania Carvalho, confirma-se, através de seus ensaios, uma leitura que se interessa pelas relações discursivas, tanto no que diz respeito às relações entre gêneros, autores e obras, quanto a aspectos pragmáticos envolvidos em seu estudo. Destacam-se, dentre outras questões, a leitura da obra literária numa perspectiva ampla, através da qual é posta em confronto com obras de outros sistemas literários, e a preocupação de evidenciar as diferenças que o intercâmbio de textos introduz no sistema ao qual está inserido. A abordagem comparatista colabora para a história das formas literárias, para o projeto de sua evolução, demarcando crítica e historicamente os fenômenos literários, evidenciando que toda expressão literária pode adquirir a sua autonomia por meio da apropriação crítica de textos de outras culturas.

48 49

Palavras-chaves:

· Análise literária · Comparatismo · Ensaio

Abstract

Tania Carvalho's essays and work confirm an interesting reading not only by their discourse relations among genres, authors and texts but also as a result of the pragmatic aspects involved in their study. Among other issues, a reading of her literary work stands out from a wide perspective, confronting the literary text with texts from other literary systems, showing concern towards evidential differences introduced by the text exchange into the target system. The comparative approach collaborates for the history of literary forms and evolutional project, mapping in a historical and critical way, the literary phenomena, revealing that all literary expression might gain autonomy through the critical appropriation of texts from other cultures.

Keywords:

· Literary analysis · Comparatism · Essay

* Doutora em Letras –Literatura Comparada– pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É Professora Adjunta da UFRGS, atuando no ensino de graduação e pós-graduação. Tem direcionado (**sigue atrás**)

O bom ensaísta literário tem sempre um pouco de propagandista dos escritores que comenta. Deve despertar no leitor a curiosidade de lê-los ou o desejo de reler esses autores mais detalhadamente e com melhor proveito.

Revela-se, sem dúvida, um admirador nato dos prazeres da leitura e, através de textos nos quais explora outros textos, convida o leitor a ser conivente com as suas qualidades expressivas. Sem efeitos pessoais e sem simplificações, rastreia os cruzamentos contínuos entre culturas e épocas.

Nesta categoria de crítico, a do bom ensaísta literário, inclui-se, sem sombra de dúvida, Tania Carvalhal.

Sua intensa atividade de investigação encontrou expressão em numerosos ensaios, artigos, edições críticas e livros, nos quais se reconhece a sua seriedade intelectual e, acima de tudo, a virtude da precisão, da propriedade e da clareza, ideal para um ensaísta. É uma escrita que alia à preocupação com aquilo a ser dito uma grande atenção ao próprio dizer. Daí envolver o leitor num prazer estético que absorve, mesmo naqueles textos que, abordando temas mais gerais, pareceriam destinados a uma fria teorização.

Tomando como ponto de partida estudos comparatistas da literatura, voltados para a história da literatura comparada e de suas relações com a teoria e a crítica literária, bem como para o estudo das relações da literatura brasileira com outras literaturas e da literatura com outras artes, seus ensaios, passo a passo, conduzem o leitor interessado por essas questões à reflexão dos problemas atinentes à prática comparatista.

A imaginação e a criatividade não são atributos dos gêneros narrativos que inventam histórias e é, portanto, fora desses gêneros que a arte literária deve ser buscada. E deve-se buscar, a meu ver, no próprio ensaio como texto crítico que é e incide sobre um objeto exterior a si mesmo, um outro texto ou um tema.

O ensaio surgiu no século XVI e é um gênero literário de difícil caracterização. Representou uma reação às minuciosas exposições analíticas sobre questões filosóficas, históricas e humanas. O termo foi criado por Montaigne, escritor francês do final do século XVI. Na Inglaterra, Francis Bacon surgiu como primeiro grande ensaísta daquele país. Os ensaios de Montaigne e Bacon, os do primeiro informais, subjetivos e, os do segundo, formais, objetivos, metódicos e estruturados, originaram duas correntes distintas no gênero ensaístico: o ensaio familiar ou informal e o formal ou discursivo.

O ensaio informal adota um tom leve, impressionista, procurando exprimir uma reação pessoal e íntima diante da realidade, sem uma estrutura clara ou preestabelecida. O ensaio formal, por sua vez, surge como um texto mais longo, concludente, escrito em linguagem pontual e com intenção lógico-discursiva.

Em se tratando de Tania Carvalhal, o ensaio formal destaca-se, dentre outras questões, pela leitura da obra literária numa perspectiva ampla, através da qual é

(viene de página anterior) suas pesquisas para a relação da Literatura Comparada com os Estudos de Tradução. Publicou artigos em periódicos especializados e trabalhos em anais de eventos. Possui capítulos de livros e livros publicados. Orientou dissertações de mestrado, além de ter orientado trabalhos de conclusão de curso e trabalhos de especialização nas áreas de linguística e letras. Atua na área de Letras, com ênfase em literatura comparada.

posta em confronto com obras de outros sistemas literários, demonstrando, sempre, a preocupação de evidenciar as diferenças que tal intercâmbio de textos introduz. Confirma-se, assim, uma leitura que se interessa pelas relações discursivas, tanto no que diz respeito às relações entre gêneros, autores e obras, quanto a aspectos pragmáticos envolvidos em seu estudo.

Suas análises demonstram uma abordagem comparatista que colabora para a história das formas literárias, para o projeto de sua evolução, demarcando crítica e historicamente os fenômenos literários e evidenciando que toda expressão literária pode adquirir a sua autonomia por meio da apropriação crítica de textos de outras culturas. Ao confrontar textos de sistemas diversos, não deixa de levar em consideração o contexto histórico-social em que as obras foram produzidas, uma vez que, do seu ponto de vista, o estudo comparado leva-nos a “interpretar questões mais gerais das quais as obras ou procedimentos literários são manifestações concretas” (Carvalho, 1986: 82).

A literatura comparada, enquanto disciplina, propõe uma aproximação da literatura àqueles fenômenos especificamente literários de maneira geral, independentemente da tradição literária na qual se situam. Também é um de seus objetivos estabelecer relação entre a literatura e outras formas de expressão culturais, como a arte, a filosofia, a história, a antropologia. Pode-se afirmar que a literatura comparada possibilita, a partir de uma postura crítica, evidenciar a atividade criativa por meio da relação que os escritores estabelecem, de um lado, além de suas fronteiras e línguas e, de outro, através da diversidade das práticas artísticas e culturais. A partir dessas duas premissas básicas, ordena-se uma infinidade de possibilidades de leitura das obras literárias e, ainda, abrem-se diferentes caminhos para o questionamento crítico.

São essas questões que compõem os ensaios de *O próprio e o alheio*. No primeiro artigo, “Teorias em literatura comparada”, é feito um exame das transformações da disciplina em relação com outras formas de questionar o literário, como a crítica, as teorias e a historiografia literárias. Em “Comparatismo e interdisciplinaridade” a análise está centrada na ampliação dos campos de atuação da disciplina. No terceiro texto, é abordada a questão da globalização, da mundialização cultural e dos problemas a elas inerentes. Os textos seguintes refletem sobre intertextualidade, conceito nuclear para o comparatismo, e sobre a noção de Weltliteratur. “Periodização e regionalização literárias” aborda a historiografia literária. O texto que dá nome ao livro, “O próprio e o alheio no percurso literário brasileiro”, retoma problema substantivo para a Literatura Comparada, isto é, “o da constituição das literaturas tendo em conta os processos de apropriação do estrangeiro para a construção do que é particular”. Na continuidade, a autora reflete sobre “Fronteiras da crítica e crítica de fronteiras”. A seguir, é examinada a relação entre os estudos comparados e os estudos culturais, através de questões como multiculturalismo, pós-colonialismo, conflito de etnias, explosões de nacionalismos. Fechando o volume, no texto “Tradução e recepção na prática comparatista”, são revisitadas questões tais como recepção e disseminação literárias, ressaltando a das traduções para os processos de relações intra e interliterárias.

O crítico, ao interpretar a realidade, a modifica. Se levarmos em conta que a cultura é engendrada pela ficção, ao ser abordada pela crítica, criam-se novas formas de ficção. Assim, a crítica da cultura se converte ela própria, automaticamente, em cultura. Pensando nos diferentes gêneros literários, pode-se dizer que o ensaio

é um relato, e o relato e a poesia podem ser ensaios, por que não? Para Barthes (1993), todos os sistemas configuram-se em ficção, e o sistema da semiologia da literatura não é senão a análise de elementos imaginários.

Propor uma análise comparativa supõe, quase sempre, um encontro. Supõe aproximar posturas entre diferentes obras, entre diferentes artes e, inclusive, entre diferentes disciplinas. No entanto, esse encontro nem sempre se revela harmonioso e o conflito e as conclusões que podem ser extraídas do mesmo configuram-se como o produto mais enriquecedor da atividade comparatista.

Os elementos a serem comparados demonstram, inevitavelmente, enfrentamentos entre autores, contemporâneos ou de diferentes épocas. Isso se deve, talvez, à célebre *angústia da influência*, proclamada por Harold Bloom, pela qual um autor pretende superar outro e é capaz de retomar elementos deste último redefinindo, adaptando, enriquecendo-se com eles.

Como comparatista, Tania Carvalho reúne, em seus inúmeros ensaios críticos, muito das características acima abordadas. Todos os seus textos, incluindo aqueles que versam sobre diversos autores, se entrecruzam, se constroem e se reportam uns aos outros, tudo por meio de leituras e escrituras claras, de interpretações pontuais e de indicações precisas de novas possibilidades de leitura que proporcionam ao leitor um profícuo encontro no qual, analisando-se o que as une, pode-se chegar ao que é buscado como um todo, revelando-se, ao mesmo tempo, as diferenças que indicarão aspectos diversos de um tema nuclear.

É, seguramente, a preocupação constante pela precisão das palavras, o esforço para atingir o rigor na expressão de seu pensamento que confere a toda a sua produção uma sensação de profunda transparência.

Tania Carvalho, em sua obra ensaística, interpreta a realidade e a modifica. Escreve textos que analisam criticam outros textos, que se inserem no conjunto da tradição cultural e se convertem em objeto de reflexão de obras posteriores. Penetra na cultura em todos seus níveis porque seus métodos admitem qualquer campo ou disciplina. Seus ensaios não são só objeto de outras obras, mas se revestem de características de metaobra. Ao decretarem normas de funcionamento de outros textos, da teoria da arte e da literatura, têm-se tornado sustentáculo dos estudos comparados no Brasil.

É, pois, resultante do entrecruzamento de uma história individual, inscrita –por sua vez– na história literária, que a obra de Tania Carvalho possibilita um aprender, um conhecer, a constituição de sujeitos-leitores críticos. Pode-se falar, então, de uma relação mutuamente transformadora, dialética que conduz a diferentes espaços; a registrar o fora e o dentro; a aprender o que é o próprio e o alheio num procedimento de intercâmbios que ressalta a singularidade do próprio em confronto com a diversidade do alheio.

Referências bibliográficas

- CARVALHAL, T.F.: (1986) *Literatura Comparada*, São Paulo, Ática.
- CARVALHAL, T.F.: (2003) *O próprio e o alheio*, São Leopoldo, Edunisinos.
- BARTHES, R.: *El grado cero de la escritura*, 13. ed., México, Siglo XXI, 1993.